



www.observatoriodacritica.com.br

A produção metacrítica na internet: a contribuição das publicações eletrônicas para a leitura da crítica na contemporaneidade¹

Paula Oliveira Campos Augusto²

Uma das questões que surgem quando o pesquisador tem como intento estudar o contemporâneo é a questão da sua proximidade diante dos acontecimentos, da sua inserção no tempo mesmo em que se situa o seu almejado objeto. Falar do presente é um trabalho complexo e contar aquilo de que se está participando é um desafio e requer atenção redobrada. Apesar de parecer redundante afirmar que “a história do presente é primeiramente e antes de tudo história”³, essa constatação foi e é imprescindível para o campo. A história tradicional defendia que o pesquisador para analisar um fato com imparcialidade tinha que manter certo distanciamento, mas

desde pelo menos a década de 70 novos historiadores têm defendido posição contrária: é preciso ler o contemporâneo de dentro mesmo do contemporâneo. Tal empreitada, evidentemente, demanda toda uma nova metodologia de leitura, obrigando o analista -

¹ Texto desenvolvido como bolsista FAPESB, em 2010, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rachel Esteves Lima, produzido para o Relatório Final da pesquisa e apresentado parcialmente no SEPESQ-Letras-UFBA 2010, no XXIX Seminário Estudantil de Pesquisa (SEMPPG/SEMEP-UFBA/2010) e no VI ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2010.

² Aluna da Graduação do curso de Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia. paulaocaugusto@gmail.com.

³ SANTOS. A atualidade da história do tempo presente, p. 8.

seja ele um historiador ou um crítico - a lidar o tempo todo com a instabilidade, a dúvida.⁴

Segundo Jean Santos, na Antiguidade clássica não havia interdição ao estudo dos fatos recentes, pelo contrário, ele era o foco central dos historiadores. A história do presente vai deixar de ser o foco e passar a ser um problema a partir do momento em que a história passa a ter a necessidade de se legitimar enquanto disciplina. Passa-se, então, a se lhe atribuir a interpretação do passado e só os indivíduos com formação especializada poderiam realizar tal interpretação. Nesse momento (século XIX), acontece a ruptura entre o passado e o presente e a diferenciação entre a história científica (feita por profissionais especializados) e a história literária (feita por ensaístas, literatos, contistas e amadores). Para se tornar científica, a história passa a adotar “um método de estudo de textos que lhe era próprio, que tinha uma prática regular de decifrar documentos” e apostar na “concepção da objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente. Assim, só o recuo no tempo poderia garantir uma distância crítica”.⁵

Santos afirma, ainda, a importância da contribuição francesa da Escola dos Annales para a reconfiguração da História e para a ampliação das fontes - e passa a ser considerada relevante a fonte oral. O autor também reúne fundamentais argumentos para a legitimação da história recente: em primeiro lugar, “nenhuma construção histórica, seja ela desse século ou dos séculos passados, está imune aos preconceitos e desvios dos historiadores”.⁶ Isto é, o historiador, tanto de um período mais recente quanto de um período mais antigo, sempre atravessará o resultado da pesquisa. Dessa forma, os paradigmas de objetividade e de distanciamento adotados pela história tradicional são desarticulados, já que “toda história é pensada a partir do tempo do historiador que vai buscar no passado (mesmo o próximo) as interlocuções para a compreensão da realidade”.⁷

Outra característica da história do presente a ser pontuada é o fato de que, devido ao caráter provisório do presente, o historiador passa pela dificuldade de não conhecer o desfecho do acontecimento estudado, não tendo a oportunidade de

⁴ CARNEIRO. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, p. 32-33.

⁵ SANTOS. A atualidade da história do tempo presente, p. 9.

⁶ SANTOS. A atualidade da história do tempo presente, p. 10.

⁷ SANTOS. A atualidade da história do tempo presente, p. 11.

presenciar uma sequência de tempo suficientemente longa para uma análise mais precisa, por isso lida o tempo todo com a instabilidade e deve ser mais prudente em suas análises. Porém, como defende Flávio Carneiro, a instabilidade pode ser aliada e não adversária do analista, afinal a incerteza “pode nos livrar da ilusão de que há verdades absolutas e de que todo gesto humano deve ser devidamente catalogado, depois de dissecado plenamente.”⁸ Além disso, a proximidade com o objeto pode ajudar no entendimento da realidade estudada, já que pesquisador e objeto dividem as mesmas referências temporais.

Essa instabilidade temporal do presente é tratada também por Agamben, quando este compara a experiência de tempo da contemporaneidade com a experiência de tempo da moda. O autor afirma que a moda introduz um corte no tempo, dividindo-o segundo a sua atualidade ou inatualidade:

o “agora”, o *kairos* da moda é inapreensível: a frase “eu estou neste instante na moda” é contraditória, porque no átimo em que o sujeito a pronuncia, ele já está fora de moda. Por isso, o estar na moda, como a contemporaneidade, comporta um certo “agio” [intervalo, espaço livre], uma certa dissociação, em que a sua atualidade inclui dentro de si uma pequena parte do seu fora, um matiz de *démodé* [de inatualidade].⁹

É convivendo com essas incertezas e dúvidas, que se busca, nesse trabalho, pensar a crítica literária e cultural do país na contemporaneidade. A partir da análise desse passado próximo, pretende-se, além de identificar o tipo de crítica que vem ocupando a internet - novo espaço para esse exercício, refletir como o trabalho crítico tem sido percebido nas produções dos *sites* pesquisados e como os novos meios de comunicação de massa interferem no processo de destituição da crítica literária do seu lugar privilegiado.

Os *sites Rascunho, Cronópios, Digestivo Cultural, Jornal de Poesia, Odisséia Literária* e *Todoprosa* foram acompanhados de agosto de 2009 a julho de 2010 e deles foram selecionados 119 textos metacríticos, sendo 23 deles entrevistas. Essas publicações que compõem o *corpus* da pesquisa são base para as interpretações e reflexões acerca do objeto pesquisado.

⁸ CARNEIRO. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, p. 33.

⁹ AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios, p. 68.

Para se pensar a história recente circunscrita aqui é indispensável fazer a retrospectiva de algumas mudanças-chave inseridas na pós-modernidade. Na conversa intitulada “Os intelectuais e o poder”, Foucault e Deleuze discutem sobre a posição e o papel do intelectual atualmente. Para Deleuze, o intelectual teórico não seria mais uma “consciência representante”, pois os que “agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles”.¹⁰ Por isso a afirmação de que a representação não existiria, só a ação. Foucault completa o pensamento afirmando que só recentemente os intelectuais descobriram “que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente (...) muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber”.¹¹ Sistema de poder do qual o intelectual faz parte e, para reverter esse quadro, seu papel seria não mais se colocar na frente das massas para dizer a verdade, mas sim “lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento”.¹²

É bem verdade que muitos intelectuais parecem ir de encontro ao que os autores defendiam, continuando a perpetuar a ideia de que do alto de sua sabedoria e visão possuem a verdade e por causa da sua posição podem dizê-la e impô-la. Porém, com o advento dos meios de comunicação e produção massiva, principalmente da internet, o acesso à informação e aos bens simbólicos deixa de ser tão monopolizado e abre-se um espaço de produção e ação para as minorias, espaço no qual elas não precisam de um mediador ou representante. Sobre o assunto comenta Martín-Barbero:

aí estão os usos que muitas minorias e comunidades marginalizadas fazem das tecnologias, introduzindo ruídos nas redes e distorções no discurso do global, através das quais emerge a palavra de outros, de muitos outros. E essa reviravolta evidencia nas grandes cidades o uso das redes eletrônicas para construir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam territorializando-se,

¹⁰ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 70.

¹¹ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 71.

¹² FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 71.

passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação.¹³

A crítica literária no Brasil, que já habitou diversos espaços - o rodapé, a universidade e, recentemente, a mídia eletrônica -, é permeada por esse deslocamento do conhecimento e do papel do intelectual. A era digital e a diluição das fronteiras e do *modus operandi* específico também reverberam “no perfil do crítico - que pode se insurgir sem ser artista, acadêmico ou jornalista - e nos perfis de críticas que se distanciam de um ‘único’ ideal: crítica genética, biográfica, impressionista, visual, estrutural e semiótica se misturam”.¹⁴ De fato, há uma mistura de ideais nos textos encontrados nos *sites*, percebida pela convergência de uma linguagem tipicamente acadêmica com uma linguagem mais coloquial, próxima do registro oral - modo de expressão muito frequente na internet. A produção textual e o uso da palavra no ciberespaço vêm sofrendo metamorfoses e Rodrigo Almeida enfatiza a liberdade na composição do conteúdo e na publicação, o que põe de lado qualquer tipo de censura ideológica: “as abreviaturas, a oralidade, gírias unidas a academicismo e o caráter hiperpessoal dos blogs se destacam.”¹⁵ Isso contribui para a democratização do fazer artístico, crítico ou jornalístico, o que não implica qualidade. Pensando ainda nessa liberdade de composição, Julio Daio Borges, fundador do *Digestivo Cultural*, em entrevista, pontua que enquanto as publicações impressas dependem das assessorias de imprensa a serviço da indústria, da “agenda” e dos *press releases*, as publicações na Internet quebram com esse círculo e libertam a produção das dependências enraizadas na imprensa tradicional, que cerceiam o que será escrito.

Ao falar dessa democratização ocorrida com o advento da internet deve-se, no entanto, evitar a ingenuidade, pois o “ciberespaço não pode ser resumido apenas como ruptura hipotética, afinal é, além de ruptura, manutenção de continuidades e desigualdades pré-existentes.”¹⁶ Ao tratar dessas contradições entre as culturas impressa e digital, Giselle Beiguelman traz à tona certos discursos reiterados por essas “supostas polaridades”, como “o já entediante blá-blá-blá sobre a grande teia que nos envolveria candidamente em uma

¹³ MARTÍN-BARBERO. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*, p. 69.

¹⁴ ALMEIDA. *O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?*, p. 74.

¹⁵ ALMEIDA. *O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?*, p. 74.

¹⁶ ALMEIDA. *O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?*, p. 84.

aldeia global, prometendo um mundo plug & play que, a despeito de nossos desejos, ainda é o mundo do angustiante plug & pray.”¹⁷ Beiguelman enfatiza como essas polarizações desenvolvem um discurso salvacionista que permeia a internet e que nem sempre corresponde à realidade dos usuários.

Outra questão importante a ser discutida é a já reiterada crise da crítica ou, para os mais exagerados, a morte da crítica. Segundo Eneida Maria de Souza, essa preocupação dos críticos da área da literatura com relação à crise da disciplina “é causada pelas transformações culturais e políticas das últimas décadas, razões pelas quais o problema teórico não se restringe apenas à crítica literária”.¹⁸ Com a “crescente diluição das fronteiras disciplinares e dos objetos específicos de estudo”, as reflexões na área de humanidades se tornaram mais abrangentes e, com isso, os caminhos da crítica se tornam conflituosos. A autora trata da polêmica acadêmica causada pela mudança do centro produtor de saber das ciências humanas, da Europa para os Estados Unidos. Passa a haver uma polarização teórica: de um lado estariam os estudos culturais e, do outro, os estudos literários. Para os defensores da teoria literária, os estudos culturais estariam corrompendo o seu objeto de análise e distorcendo a teoria, que é uma construção moderna vinculada à divulgação europeia, em 1960, da teoria dos formalistas russos e que “teve por objetivo a produção científica do objeto de estudo abolindo-se a visão historicista, psicológica e biográfica do literário e instaurando o princípio da literariedade como valor”.¹⁹ A reação contemporânea de alguns críticos literários é de repulsa aos estudos culturais, que com sua interdisciplinaridade deixariam de lado “a observância de leis ou de controle”.²⁰ O que está por trás dessas posições, em grande medida, são as relações entre cultura e poder, pois defender esse lugar da literatura “como manifestação acima do singular e do senso comum” tem a ver com reter o privilégio do saber a poucos. Por isso foi importante, para a democratização desse poder e para o reencontro entre a arte e a sociedade, a contribuição dos teóricos da comunicação de massa e dos adeptos dos estudos culturais, que contribuíram “para a expansão do objeto de estudo da teoria, não mais confinado às obras consagradas pelo cânone ou inserido no rótulo de literário”.²¹

¹⁷ BEIGUELMAN. *O livro depois do livro*, p. 10.

¹⁸ SOUZA. *A teoria em crise*, p. 68.

¹⁹ SOUZA. *A teoria em crise*, p. 69.

²⁰ SOUZA. *A teoria em crise*, p. 70.

²¹ SOUZA. *A teoria em crise*, p. 69.

Souza ainda se posiciona contra o partidarismo e o binarismo, ao afirmar que a “defesa de uma teoria que poderia se impor como única e exclusiva não se sustentaria mais no atual espaço acadêmico, pela natureza plural das tendências críticas”.²² Isso pode ser ainda mais perceptível se pensarmos na crítica que está sendo feita na internet, inclinada a seguir uma confluência teórica saudável para o campo.

Se refletirmos sobre o número de textos coletados na pesquisa - 119 textos metacríticos - não há como manter a afirmação de que a crítica está morta. O que se pode dizer sobre o assunto é que há uma crise teórica da crítica, que não é uma novidade para a disciplina, que já percorreu diferentes espaços e referenciais analíticos. Ocorre que, atualmente, ela está em plena atividade em outro espaço, tentando formar novas bases. Um caso que serve de argumento para apontar a pulsação vibrante da crítica é a repercussão que o texto de Flora Süssekind, “A crítica como papel de bala”²³, teve no meio virtual. Foram encontrados dez textos - e é possível que o número seja maior - que tematizavam e respondiam ao texto de Süssekind. Entre os autores das respostas estão Sérgio Rodrigues, Affonso Romano de Sant 'Anna, Deonísio da Silva, Luis Dolhnikoff, Marcelo Coelho, Luís Antônio Giron e outros. Alguns alunos de Letras da USP montaram até um guia no *twitter* para se coordenar a polêmica, tamanha foi a repercussão. No texto desabafo, Süssekind, adepta dos estudos culturais, revolta-se contra a aclamação dos críticos ao conservador Wilson Martins, provocada pela sua morte. Sérgio Rodrigues, do blog *Todoprosa*, ao comentar o texto de Süssekind, escreve: “a crítica universitária de fôlego que ela própria representa, retirou-se do debate porque quis. (...) Süssekind, reconheça-se logo, está de mal com a literatura contemporânea”.²⁴ Rodrigues afirma ainda que a crítica universitária “encurralada num beco sem saída de autismo e irrelevância” está fazendo falta. Porém, ao ser questionado por um leitor, Rodrigues recua e escreve, nos comentários do Blog, como não se considera um crítico e como o debate de Flora Süssekind só seria um caso de disputa de poder:

Tentar reduzir toda a conversa sobre literatura a um único discurso, o da “grande crítica”, é autoritarismo. Dizer que há algo

²² SOUZA. A teoria em crise, p.77.

²³ Cf.: SÜSSEKIND. Flora. A crítica como papel de bala. Prosa Online, 24 abril 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/04/24/a-critica-como-papel-de-bala-286122.asp>>. Acesso em: 9 maio 2010.

²⁴ RODRIGUES. A crítica de mal com a literatura.

errado nessa conversa é uma postura feudalista, antidemocrática. Sobre isso sim devíamos pensar. Não que a questão me afete diretamente. Sou escritor, nunca me declarei crítico (nem gosto muito da palavra) e falo de literatura com o impressionismo mais radical que posso, tentando ser o mais ético possível ao compartilhar uma experiência de leitura que por definição é difícil de sistematizar. Falar dela de outra forma me parece cada vez mais vão, perda de tempo mesmo. Mas não pretendo fazer disso fórmula universal. Lê quem quer. Como disse na minha resposta a Flora Sussekind, esse papo parece apenas disputa de poder. Tô fora.²⁵

O escritor Miguel Sanches Neto, em entrevista concedida ao *Cronópios*, mantém pontos de articulação com Rodrigues ao escrever sobre o comportamento da crítica hoje e como a internet abre espaço para se pensar em uma crítica coletiva. Ele cobra, ainda, a atitude reflexiva sobre a produção contemporânea ao escritor, já que, para ele, não existe mais essa divisão de papéis:

A crítica hoje é exercida mais pelos leitores, nas redes sociais, do que nos meios de comunicação e nas universidades, preocupadas com a manutenção de posições de status. Os escritores devem fazer também o seu papel de pensar a produção contemporânea, não podem esperar que críticos venham fazer isso, porque não há mais esta diferença de papéis. Pensar a produção é uma tarefa coletiva. É isto que aprendi observando a cultura de crítica espontânea que nasce na internet.²⁶

A partir dessas reflexões podemos nos questionar: crise de qual crítica? A crítica mudou e os críticos também mudaram. Os novos críticos reivindicam novos valores, por isso esse momento de transição e reordenação traz à tona a necessidade de refletirmos sobre essa mudança de paradigmas. A especialização da crítica literária universitária afastou a literatura do público-leitor, já que as análises das obras eram tomadas como verdade e única possibilidade de leitura, fechando as

²⁵ RODRIGUES. Por que não gostei do 'Verão' de Coetzee.

²⁶ NETO. Miguel Sanches Neto: *Eu leio meus leitores*.

possibilidades de outras visões sobre a obra. Esses novos críticos reivindicam o retorno ao prazer de ler, o retorno a uma crítica menos amarrada a conceitos, verdades e teorias generalizantes. Pode-se perceber, ainda, que há pontos bastante comuns no debate sobre a crítica literária empreendido nos *sites* pesquisados, como a defesa de uma crítica mais tolerante, menos imobilizada pelo impasse Vanguarda X Tradição, livre, portanto, dessa velha dicotomia. Se a posição dessa crítica não é otimista, não é pelo menos paralisada/imobilizada. Pode-se não saber aonde tantas mudanças irão levar, mas a tentativa de entender e saudar o contemporâneo e suas alterações positivas também se mostra bastante presente. Tenta-se pensar o contemporâneo e condena-se a preguiça intelectual dos críticos que ficam no passado e não arriscam leituras, que interpretam e comentam apenas as obras de escritores consagrados. No texto “O alto, o baixo e o preguiçoso”, Sérgio Rodrigues escreve sobre a polêmica entre “baixo” e “alto” em arte: “A preguiça intelectual por trás dessas dicotomias é patente: ao nos libertarmos delas, somos obrigados a ler de verdade, aceitando os termos de cada obra para julgá-la em si. Dá trabalho”. E tenta apontar um caminho para o século XXI: “estamos vendo e veremos cada vez mais uma erosão dos muros estéticos, escavados de um lado por uma nova geração de acadêmicos e críticos menos hostil ao prazer de ler e, do outro, por artistas e editores dispostos a alargar as fronteiras do mercado.”²⁷

Em entrevista ao *Digestivo Cultural*, Luis Eduardo Matta, escritor e colunista fixo do *Digestivo* de 2003 a 2008, discorre sobre o fato de existir uma crítica literária que ignora a realidade e conceitos outros que não os seus e como os *blogs* abrem espaço para especializações e leituras críticas diferentes das que estão em voga e se repetem nos meios tradicionais:

existe uma parcela da crítica que vive encastelada nos seus próprios conceitos e, com isso, acaba fugindo da realidade. Eles tratam a literatura como se fosse uma coisa só e usam os seus parâmetros para avaliar tudo o que lêem, como se todos os livros tivessem a mesma proposta. Já li resenhas em que o jornalista avaliava um livro policial e ignorava a trama, preferindo identificar clichês de linguagem na narrativa. Isto é, ele usava critérios indicados para analisar uma obra esteticamente mais ambiciosa, para falar de um gênero em que a trama é muito mais importante do que a linguagem. Esses equívocos são

²⁷ RODRIGUES. O alto, o baixo e o preguiçoso.

bastante comuns. (...) Os blogs arejaram e diversificaram bastante a crítica, principalmente aquela mais desprezível, que reflete, muitas vezes, o gosto pessoal do leitor, e que é bastante válida, a meu ver.²⁸

Apesar de, em alguns textos selecionados, reconhecer-se que antes a arte dependia do reconhecimento crítico fundamentado e que hoje depende mais do reconhecimento do mercado, constata-se também que a crítica continua ajudando não apenas a provocar e criar leitores, mas também a fazer escritores.

Uma mudança apontada por Rodrigo Almeida, em benefício da crítica, é a superação da “antiga lógica de emissão única para recepção múltipla: interfaces inteligentes que capacitem o usuário como produtor de opinião e informação diante de uma janela de opções midiáticas. A crítica da crítica ganha uma via oficial”.²⁹ Através da seção *Cartas*, do *Rascunho*, da possibilidade dos *comentários*, do *Digestivo Cultural*, do *Odisséia Literária* e do *Todoprosa* e do espaço do *Café Literário*, do *Cronópios*, para comentários e discussões, a crítica é fomentada, e esse leitor passa a ser também produtor daquele texto *postado*, que continua sendo escrito nos *comentários*. “Ultrapassa-se aqui a noção de complementaridade veiculada no interior do sistema literário, atingindo o nível da confusão entre os papéis. O autor escreve e o leitor escreve por cima”.³⁰

Em entrevista ao site *CampiDigital*, Rafael Rodrigues, editor-assistente do *Digestivo Cultural*, fala sobre a colaboração dos usuários-leitores na produção de conteúdo do site, passando de receptores para produtores de conteúdo:

Vários colaboradores do *Digestivo* - ou seja, pessoas que escrevem para o site, mas não são colunistas fixos - foram “descobertos” por nós em seus blogs. Ou nos enviaram textos para avaliação, confiantes no trabalho que fizeram em seus blogs. Houve o caso, inclusive, de um texto que, originalmente seria um comentário. Era imenso, o leitor dividiu em quatro ou cinco partes. Juntei todos eles num arquivo e pensei: “isso aqui rende uma coluna”. Conversei com o Julio, ele concordou que o material era bom, depois entrei em contato com o leitor e o

²⁸ MATTA. Luis Eduardo Matta.

²⁹ ALMEIDA. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 75.

³⁰ ALMEIDA. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 75-76.

cara topou em deixar publicarmos o texto dele. (...) Era para ser um comentário, acabou virando coluna. A grande mídia parece não ter ainda entendido isso. Ou talvez tenha entendido, mas não tenha como dar espaço para esses leitores que geram conteúdo. E aí a coisa desemboca na internet, o que a deixa ainda mais rica.³¹

Apesar disso, o poder de troca dos comentários ainda é menosprezado e pouco aproveitado, mas não se pode negar como a individualidade e o isolamento, constantes na crítica literária tradicional, parecem estar sendo superados em favor de um compartilhamento de ideias. Compartilhamento facilitado pelo modo como o texto se dispõe na tela, passando a ser chamado de *hipertexto*. Segundo Pierre Lévy, o *hipertexto* é “um texto móvel, caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”.³² Os *links*, bastante explorados pelos *sites* pesquisados, proporcionam uma leitura desordenada e compartilhada: a crítica fala da crítica feita em outro *site* ou em outro suporte, como revistas e jornais, e todas as informações estão ali sobrepostas em janelas. Houve, por isso, na pesquisa, uma dificuldade em arquivar todos os textos que se sobrepunham em um “movimento perpétuo”.

No texto “Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura”, Magda Soares cita Bolter e escreve sobre como a cognição digital reaproxima o ser humano dos seus esquemas mentais:

a escrita no papel, com sua exigência de uma organização hierárquica e disciplinada das idéias, contraria o fluxo natural do pensamento, que se dá por associações, em *rede* - segundo esse autor, é o hipertexto que veio legitimar o registro desse pensamento por associações, em rede, tornando-o possível ao escritor e ao leitor.³³

Essas associações em rede ajudam a crítica a refletir sobre si mesma mais facilmente e propiciam o debate. Em vez de uma produção solitária, a internet abre um espaço de construção coletiva do exercício da crítica literária.

³¹ RODRIGUES. Entrevista ao CampiDigital.

³² LÉVY. *Cibercultura*, p. 56.

³³ SOARES. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura.

Contra os que acham que a Internet rebaixou o nível cultural, podemos usar a recepção e o tempo de existência dos *sites* pesquisados como argumentos. Afinal são treze anos de *Jornal de Poesia*, nove anos de *Rascunho*, oito anos de *Digestivo Cultural*, cinco anos de *Odisséia Literária*, quatro anos de *Cronópios* e três anos de *Todoprosa*. Pode parecer pouco em relação aos suportes de comunicação tradicionais, mas em relação ao tempo de Internet e ao seu *boom* no Brasil (1996) é um tempo considerável e os coloca na posição de precursores da discussão literária no *ciberespaço*.

Procurou-se, nesse texto, diferenciar a crítica literária produzida hoje na internet da crítica literária anterior veiculada nos meios de comunicação tradicionais, através da análise dos textos metacríticos publicados nos *sites* que fazem parte do *corpus* da pesquisa. Ressalto a importância e a emergência desse tema em um momento de transição e reconfiguração da crítica, momento que precisa ser acompanhado, pois reflete o pensamento da intelectualidade de nossa época e nos mostra como paradigmas enrijecidos estão sendo desestabilizados.

Como Rodrigo Almeida afirma, “muito do que é escrito na Internet ainda é puro reaproveitamento do que era/é escrito nos meios impressos, podendo inclusive transitar de um a outro sem grandes perdas”.³⁴ É o caso do *Rascunho* - dos *sites* pesquisados veículo mais tradicional: seus textos são iguais no formato impresso e digital. Sérgio Rodrigues com sua linguagem clara, seus textos diretos e curtos parece ter entendido melhor a lógica do blog. Ainda sobre essa questão, reflete Beiguelman, pontuando a centralidade ainda forte do livro impresso: “é inegável que o livro impresso seja ainda a referência central do universo da leitura *on line* e, por conseguinte, da forma como se estrutura essa leitura de mundo”.³⁵ Porém, transformações significativas estão ocorrendo e devem ser observadas por quem não negligencia o presente. Agamben é assertivo ao falar sobre isso: “Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que [ele] lhe pertence irrevogavelmente”.³⁶

³⁴ ALMEIDA. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 77.

³⁵ BEIGUELMAN. *O livro depois do livro*, p. 11.

³⁶ AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios, p. 59.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?. In: MIRANDA, Adelaide Calhman de (et al.). *Protocolos críticos*. São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2008.

BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CARNEIRO, Flávio Martins. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23 ed. RJ: Graal, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MATTA, Luis Eduardo. Luis Eduardo Matta. *Digestivo Cultural*, 7 set 2009. Entrevista concedida a Julio Daio Borges. Disponível em:
<<http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=33>>. Acesso em: 8 set 2009.

NETO, Miguel Sanches. Miguel Sanches Neto: *Eu leio meus leitores*. *Cronópios*, 19 jun 2010. Disponível em:
<<http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4616>>. Acesso em: 22 jun 2010.

RODRIGUES, Rafael. Entrevista ao CampiDigital. *Digestivo Cultural*, 6 mar 2010. Disponível em:
<<http://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=2588>>. Acesso em: 6 mar 2010.

RODRIGUES, Sérgio. A crítica de mal com a literatura. *Todoprosa*, 1 maio 2010. Disponível em:
<<http://colunistas.ig.com.br/sergiorodrigues/2010/05/01/a-critica-de-mal-com-a-literatura/>>. Acesso em: 9 maio 2010.

RODRIGUES, Sérgio. Por que não gostei do 'Verão' de Coetzee. *Todoprosa*, 7 jul 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/resenha/por-que-nao-gostei-do-verao-de-coetzee/>>. Acesso em: 21 jul 2010.

RODRIGUES, Sérgio. O alto, o baixo e o preguiçoso. *Todoprosa*, 1 set 2009. Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/sergiorodrigues/2009/09/01/o-alto-o-baixo-e-o-preguiçoso/>>. Acesso em: 2 set 2009.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. A atualidade da história do tempo presente. *Revista Historiar*, ano I, n. I, 2009. Disponível em: <http://www.uvanet.br/revistahistoriar/janjun2009/01_atualidad_e_historia.pdf>. Acesso em: 16 nov 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. Unicamp. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 9 set 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. In: *Crítica cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.